

4

Projetos de futuro: maternidade e paternidade do ponto de vista masculino e feminino

Todas as adolescentes entrevistadas relataram ter sido "normal" a aceitação, da família, dos amigos e da comunidade, do episódio da sua gravidez. Algumas das jovens declararam ter conversado com amigas, porém nenhuma delas, segundo seus relatos, conversou anteriormente com a família, com um médico ou com qualquer pessoa responsável, sobre o fato de ter se decidido iniciar a vida sexual. Ao ser indagado por que motivos não o fizeram, declararam não ter "intimidade" ou "liberdade" suficiente, com ninguém, para fazê-lo ou por não haver uma pretensão ou planejamento prévio da relação.

Assim, iniciam-se por conta própria ou incentivadas por amigas. Bem como os rapazes, que declararam ter conversado com amigos que já haviam tido sua primeira relação, e não buscaram informações junto a nenhum adulto. Observando-se a declaração de G. (17 anos): *"Ih! Não... falei nada! Só com colegas...por que se falasse, ia vim mais "bolação"* do que ajuda!"*¹.

Percebemos que os adolescentes, evitam conversar sobre assuntos de sexo com adultos, não só por não terem sido incentivados desde cedo às conversas íntimas com seus pais e/ou familiares, mas também, de certa maneira, temerem as pressões que, fatalmente, lhes serão feitas. Deste modo, informam-se, informam aos outros, e mesmo que obtenham informações incorretas, decidem-se por si mesmos o dia, a hora e a pessoa com quem iniciarão sua vida sexual, sendo este início, quase sempre inesperado pelo adolescente, como comenta Görgen², falando sobre contracepção na adolescência:

"Os contatos sexuais em adolescentes, freqüentemente, não são planejados e dependem de uma oportunidade, de modo que também não se planeja a contracepção. Uma conversa sobre o uso de métodos anticoncepcionais com um parceiro novo parece difícil, podendo colocar uma relação ainda recente

¹ G. pai aos 17 anos, falando sobre o fato de não ter consultado um adulto antes de iniciar sua vida sexual. * Gíria que significa "chateação" ou "desentendimento", 03/07

² <http://elogica.br.inter.net/lumigun/texgund1.htm> , capturado em 25/06/2007

em jogo. Muitas vezes, também os parceiros não têm experiências com a contracepção.”

Na avaliação dos adolescentes entrevistados, nenhum deles apresentou qualquer sentimento de culpa por ter iniciado a vida sexual. Sentimento que se apresentou apenas às meninas imediatamente após o evento da gravidez mas, segundo elas, apenas “no início” e não durante a gravidez ou após o nascimento do bebê, como na fala de A.(19 anos) *“no começo eu fiquei preocupada e um pouco arrependida... mas depois, eu fiquei tranqüila, porque eu sabia que minha mãe não ia me botar pra fora nem nada...”*³. Esta postura e relato foram repetidos por quase todas as entrevistadas, que relataram ser sua preocupação inicial voltada apenas para a saúde do bebê, se “tudo daria certo” e se não iria “doer muito” para trazê-lo ao mundo.

Pareceu-me que o entendimento delas, de dificuldade, não passava da gravidez e parto. Nenhuma preocupação foi demonstrada quanto ao futuro das crianças, na questão econômica, educacional ou quanto às condições de vida que poderiam se apresentar após este nascimento ou num futuro próximo, considerando-se já não serem boas as condições atuais.

Quanto às condições econômicas e de estrutura familiar, apenas uma das meninas-mães, pareceu-me ter uma vida mais estruturada. Residindo em uma casa espaçosa, com a mãe, o irmão mais novo e o marido, declarou não ter considerado importante, no momento, constituir um lar para si, uma vez que a mãe (viúva) possuía uma casa tão grande. Somente esta entrevistada, (TT. 18 anos), filha de mãe graduada em Administração, e declaradamente interessada em graduar-se em enfermagem, tendo feito planos para prestar o vestibular logo após o nascimento do bebê, pareceu-me absolutamente certa do que queria, tendo-se preparado para a gravidez juntamente com seu companheiro, o que transpareceu-me através desta fala da mesma: *“...agente já tá junto há um tempão, ele queria muito um filho e eu também, aí a gente começou a morar junto e decidimos que a hora deveria ser esta... eu pensei, pô eu sou nova, tenho condições de saúde boa, porque não ter*

³ A, 19 anos, ao ser perguntada como se sentiu ao saber da gravidez, 02/07

meu filho agora? Depois vou ter tempo de sobra para realizar meus sonhos.”⁴

Quanto aos planos futuros, não diferiram muito de uma menina para outra: T.T(18 anos): *“Eu sonho em me formar e conseguir um bom trabalho pra ganhar um dinheiro legal e sair daqui da comunidade, pra criar meu filho longe daqui, num bairro de verdade...”*

F. (17 anos): *“Eu agora quero voltar a estudar, arranjar um trabalho e me mudar daqui pro subúrbio pra criar meu filho em paz...”*

Das 12 meninas entrevistadas, 4 moram com os pais, mas sonham mudar-se da comunidade para criar seus filhos independentemente. 4 moram com os companheiros, têm suas casas próprias ou alugadas e não declararam ter planos de se mudar e 4 delas moram com seus pais, também não têm planos de mudar-se da comunidade e não declararam ter planos de independência.

As condições sócio-econômicas das entrevistadas são parecidas, apenas 3 delas declararam ter renda pessoal, 1 advinda de pensão do pai falecido e 2 delas estão empregadas (1 é empregada doméstica e a outra é recreadora de creche). As demais não possuem renda nem estão trabalhando no momento, 2 delas já trabalharam (ainda que por pouco tempo) e todas declararam estar a procura de outro emprego.

Foi constatado que 10 das 12 adolescentes entrevistadas abandonaram os estudos entre a 4^a série do ensino fundamental e o 2^o ano do ensino médio. 1 continuou a estudar logo após o nascimento do bebê e apenas 1 já concluía o ensino médio antes do episódio da gravidez, sendo esta última a única a possuir curso técnico profissionalizante.

Todas declararam sonhar com um futuro melhor, para seus filhos e para si mesmas, independente de contar ou não com o apoio do companheiro, pai de seus filhos, considerando ser este o curso normal das coisas após terem decidido ser mães.

⁴ TT.18 anos falando sobre a decisão de ter um filho, 02/07

Em contrapartida, dos 4 rapazes entrevistados, apenas dois deles declararam estar preocupados com o futuro dos filhos e estar dispostos a implementar esforços, juntamente com as companheiras para criá-lo e educá-lo. Os outros dois apesar de verbalizarem preocupação com o futuro dos filhos, não pareceram, como os outros, dispostos a implementar esforços no sentido de colaborar com a criação dos filhos, apenas declararam não ter condições de “ajudar muito”, como nesta fala de W. 17 anos *“Ah... eu fico preocupado com o futuro dele... assim... o que ele vai ser quando crescer... como que ela (a mãe) vai criar ele... mas eu num posso ajudar muito... porque eu sou muito novo e num tenho trabalho.”*

Já R. (19 anos) ao ser perguntado se faz planos para um futuro junto ao seu filho e sua companheira ele responde: *“Não... assim... eu num faço planos porque a gente agora já num se entende, imagina no futuro! Eu quero assim... se der... se a gente ainda tiver aí... continuar perto dele...tipo, pra ele não fazer nada de errado na vida certo?... mas de resto... num tenho plano não.”*

G. (17 anos) declarou estar trabalhando, para logo após revelar que faz um curso remunerado pela prefeitura, e também estuda à noite, mas ainda não auxilia a mãe de seu filho porque, segundo ele, o que ganha é muito pouco ainda para ajudar. Jr. (20 anos) tem um emprego informal e, segundo ele, “auxilia no que pode”, R. (19 anos) está à procura de trabalho e tentando conseguir um curso técnico e GG (20 anos) declarou estar sendo muito difícil conseguir emprego, uma vez que saiu de uma casa de detenção há pouco mais de 6 meses e por este motivo, nem um curso técnico consegue fazer, pois em suas palavras “ninguém aceita ex-detento”.

Ao serem perguntados se não se preocupam com a manutenção dos filhos, todos declaram que não, pois sabem que as meninas estão amparadas pela família delas, em contrapartida, as meninas parecem considerar normal o fato de não receberem qualquer auxílio, por parte dos pais, para a criação de seus filhos, e declaram: *“Ah! Ele não pode mesmo, fazer o que?”* ou *“ó... eu acho que ele até quer entrar numa de morar junto e tal, mas eu num quero não... tô bem aqui na*

minha casa...”, ou ainda: “Eu que não me cuidei... num pensei antes... agora tenho que arcar com as consequências.”

A interdependência dos movimentos maternidade e paternidade não os fazem complementares, a essencialização da maternidade como destino da mulher corresponde a uma essencialização da não-paternidade do homem. Algumas instituições (como a maioria das famílias entrevistadas) ratificam essa idéia, associando à mulher o cuidado para com a prole e associando ao homem provento material destes filhos. Homens e mulheres atualizam ou não estas prescrições, reproduzindo mais ou menos os modelos sociais de gênero esperados.

Porém, nem todas as mulheres apresentam o chamado “amor de mãe” para com seus filhos, assim como nem todos os homens rejeitam a paternidade biológica e/ou psicológica. Entretanto, os homens que não rejeitam a paternidade psicológica, muitas vezes, encontram barreiras para expressá-la, colocadas pelas instituições, por outros homens, por mulheres e por suas próprias limitações que variam desde a idade, muito incipiente, até a impossibilidade de colocar-se no mercado de trabalho a fim de estruturar uma renda suficiente para si e para a família que o preocupa, numa época em que sua única preocupação deveriam ser as notas escolares.

Uma das adolescentes, cujo pai de seu filho quase não comparece para ver a criança declara: *“Eu sei que ele não vem porque não pode ajudar... mas ele não entende que é importante pra ela ver o pai, e pra mim não importa muito se ele traz alguma coisa ou não, é claro que se ele trouxer é bom, mas se não trouxer... fazer o que né?”* Estas contradições e estes conflitos, podem ser externos ou internos e podem ser geradores de sofrimento para os homens, que podem, ou não, encontrar recursos em si mesmos para superá-los.

Um melhor e mais ativo desempenho da paternidade psicológica pode ser auxiliado através dos apoios nos planos individual e institucional, particularmente se este pai está em idade adolescente. Devendo ser ainda observada a condição sócio-econômica e o ambiente onde vive este pai, uma vez que estes são fatores relevantes na constituição identitária deste indivíduo, cuja decisão de assumir ou não a

criança gerada deixa de ser uma decisão particular, como deveria, para ser uma decisão condicionada ao seu poder aquisitivo e à sua compreensão do que seja ser homem e ser pai numa realidade em que muitas vezes ele não contou com modelos ou exemplos onde se mirar.

Somente assim, os pontos de vista e a noção de responsabilidade masculina e feminina, poderão se tornar mais iguais.

4.1

Retornando às categorias de análise

Neste capítulo retornaremos às perguntas que servira de categoria de análise, para apontarmos as diferenças de gênero entre os jovens, pais / mães, estudados.

Com quantos anos teve sua primeira relação?

As diferenças apresentadas por meninos e meninas para o início das atividades sexuais foram mínimas, todos eles iniciaram-se entre 12 e 14 anos de idade.

Estudava antes de ser mãe/pai?

Quase todas as meninas declararam estar estudando quando engravidaram, com exceção de uma que afirmou já estar estagiando após o término de um curso secundário que a formou em administração. Em contraposição, no grupo de rapazes apenas um deles estava estudando, os demais já estavam fora da escola.

Continuou estudando?

No grupo de rapazes, o único que estudava antes de ser pai, continua estudando, embora tenha sido obrigado a trocar o horário escolar para o período noturno. No grupo das meninas apenas uma delas retornou aos estudos. As demais, algumas admitem que não voltarão a estudar, mas a maioria promete, a si mesma, que voltará aos bancos escolares tão logo consigam, nas palavras delas: “(...) *Assim que eu puder eu volto pra escola*”.

Qual foi a reação da sua família diante da notícia de gravidez?

Nas famílias das meninas, segundo elas, no momento em que deram a notícia, a reação foi de raiva (por parte dos pais) e tristeza (por parte das mães). Porém, após o primeiro impacto, elas declaram ter sido “normal” a reação. A maioria das famílias foi contra qualquer procedimento abortivo e deixaram à sua escolha ir ou não morar com o pai do seu filho. Apenas uma das famílias obrigou a jovem a ir residir com o companheiro, procedendo à montagem de um “quartinho” para o casal

morar e criar o filho. Entretanto, nas famílias dos rapazes (excetuando-se a do rapaz que já morava com a companheira), segundo eles, a primeira reação foi a solicitação de certeza da paternidade e depois a sugestão de algum processo abortivo. Após o primeiro impacto e as repreensões de praxe, todos declaram terem deixado à sua escolha assumir ou não a paternidade e constituir ou não o lar junto à companheira mãe de seu filho.

Trabalhava antes de ser mãe/pai?

Entre os meninos, a maioria já trabalhava ou realizava alguma atividade geradora de renda. Apenas um dos rapazes pais tinha como atividade apenas a frequência escolar e a participação em cursos técnicos. Entre as meninas, apenas uma realizava atividade geradora de renda, que era o estágio, onde recebia uma bolsa auxílio. As demais tinham como atividade única a frequência escolar.

Trabalhou após o nascimento?

Alguns dos rapazes continuaram a trabalhar após o nascimento do bebê, outros estão desempregados e o único que ainda não realizava nenhuma atividade remunerada, modificou os horários de estudos para poder inserir-se num curso que confere bolsa auxílio aos seus integrantes, sobre o qual ele declara: “(...) *Não me interessa muito... mas paga... e eu preciso do dinheiro.*” No grupo das meninas, algumas já estão inseridas no mercado de trabalho, outras já estiveram e encontram-se desempregadas no momento, mas declaram estar procurando novo emprego.

Vai trabalhar após o nascimento?

Entre as moças, aquelas que ainda não trabalharam declaram estar à procura de “*qualquer coisa*”, pois, afirmam estar “*precisando*” ajudar os pais na criação do bebê. Já entre os rapazes, os que estão desempregados declaram não estar procurando emprego “agora”. Segundo eles, preferem tentar conseguir um curso remunerado.

Como reagiu quando soube que ia ser mãe/pai?

No grupo dos rapazes, apenas um (o que estudava) declarou ter ficado “*até tonto*” com a notícia, segundo ele, chegou a ter sensação de desmaio e ficou horas conjecturando como dar a notícia à sua mãe. Um

outro, declarou ter ficado “muito feliz” com a notícia, pois esperava por isso há algum tempo. Os demais rapazes do grupo pesquisado emitiram respostas vagas a essa questão, seguidas de sacudir de ombros, designando indiferença. Em contraposição, no grupo de meninas, muitas declararam ter ficado bastante preocupadas com duas coisas: uma era “a dor do parto” e a outra era “se o bebê seria perfeito”.

Pensou em abortar?

Entre as meninas, apenas duas delas admite ter pensado em abortar, e apenas uma realmente realizou a tentativa com remédios, que não funcionou. As demais declararam nunca ter pensado em aborto. Entre os rapazes, alguns admitiram ter abordado o assunto com as namoradas, e todos admitem ter discutido em sua família, alguns admitindo ter concordado e outros afirmando ter discordado do procedimento.

O que esse filho representa para você?

No entendimento da maioria dos rapazes, o filho não parece ser algo muito significativo, uma vez que a maioria dos rapazes/pais, ainda vivos, não foi encontrada e não procuram contatos com as mães ou com as crianças. Outros que estão mais próximos também não consideram serem obrigados a auxiliar na criação do filho, pois segundo declararam, já têm filhos com outras meninas e não auxiliam nenhuma delas, nem mesmo no aspecto afetivo. Apenas dois dos rapazes/pais mostraram-se realmente envolvidos com o processo de criação e educação do filho. Entre as meninas, todas declararam que o filho é tudo para elas, e uma delas declarou: *“Pô um amadurecimento... é porque pô, eu cuidava do meu irmão, mas meu irmão né... não é meu filho, não é meu! assim... não é uma coisa minha... esse é meu... esse que tá aqui dentro é meu! Não é marido, não é pai não é nada! É meu filho!”*

Quais são os seus planos para o futuro?

No grupo de meninas, todas declararam ter planos de estudar, trabalhar, ganhar “um dinheiro legal” e sair da comunidade, morar num “bairro”, criar o filho e ajudar os pais. Entre os rapazes, apenas dois deles declararam ter projetos semelhantes, os demais emitiram respostas vagas dizendo que “não pensam muito nisso não”.

Você conhece métodos contraceptivos?

Todos os entrevistados declararam ter conhecimento e citaram os métodos conhecidos.

Usou alguns deles no começo?

Alguns declararam ter utilizado no princípio da relação, outros declararam não ter usado porque não planejaram “aconteceu”.

Você acha que os jovens devem se preocupar em usar algum método contraceptivo?

Todos, meninas e meninos, declararam que sim, alguns alegaram que “(...) *É melhor para prevenir as doenças*”, outros declararam que “(...) *Assim não vão cometer o mesmo erro que eu cometi*” ou “*porque é importante, tem muita gente por aí fazendo filho de orelhada...*”.

Você costuma ir a consultas médicas? Se sente a vontade para pedir informações ao seu médico ou no local onde se trata?

Entre os rapazes apenas um deles costumava ir ao médico regularmente para consultas e que se sente bastante à vontade para fazer perguntas ao seu médico, sendo inclusive ele (o médico) a pessoa preferida do adolescente para esclarecer dúvidas sobre sexo. Os demais rapazes declararam nem lembrar a última vez em que estiveram em um consultório médico e relataram que suas dúvidas sobre sexo eles tiram conversando com amigos ou lendo em algum livro. Entre as moças, todas declararam freqüentar o posto de saúde local, mas algumas declararam não ter coragem de fazer perguntas quando o médico é um homem. Quanto à suas dúvidas sobre sexo, relataram conversar com as amigas, cunhadas ou, mais raramente, a mãe.

Num cômputo geral, as meninas pareceram mais esclarecidas que os rapazes, nas questões ligadas à saúde, bem como as outras também. Seu grau de escolaridade é relativamente maior, em se comparando a faixa etária e seu grau de compreensão e apreensão das coisas também se diferencia em relação aos deles. Também não se encontrou nenhuma menina diretamente participante do tráfico de drogas, embora algumas tenham agora ou tenha tido, no passado, alguma relação de afeto com alguns integrantes do tráfico.

A situação da menina na comunidade é, geralmente, mais estável que a dos meninos, por estarem eles, freqüentemente se envolvendo em conflitos, com moradores, com parceiros ou com a polícia, por conta do tráfico de drogas local. Por isso, as meninas têm uma perspectiva de vida mais longa que a dos meninos, embora não pareçam acreditar muito nisso, uma vez que não se preparam para o futuro, como acontece no grupo da baixada.